

EDIÇÃO 77

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
30 DE JUNHO DE 2022





Sumário

Editorial

3 *Claudia Zortea*

Amazônia Legal (poemas)

5 **Manifesto do amor**
Dione Barreto
II
Márcia Dias

Carta do escritor

8 **Carta para o poeta Pedro Casaldáliga (In memoriam)**
Edson Flávio Santos

Conto

12 **Com a orelha da vítima no bolso**
Paulo Gabriel
Bié
Marina Ruivo

Literamato (resenha)

20 **O segredo de Marguerite**
Eliane C. Chieregatto

Crônica

22 **Bruno e Dom fazem parte da nossa família**
Antônio Canuto
Um presidente que não vai para o céu
Ana Helena Tavares

Ensaio

26 **Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco Vozes de Mulher: Cida Pedrosa, Fátima Ferreira e Dione Barreto.**
Maria Elizabete Sanches

Artigo

32 **As "Filhas de Lilith" e a (re)significação de Cida Pedrosa: uma breve análise através da teoria da aclimatação**
Carolina Lobo Aguiar

Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

Direção geral: Walnice Vilalva

Equipe editorial: Walnice A. Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias e Natália Marques da Silva.

Artista Visual Convidado: Carlos Alberto Bosquê Júnior

Colaboradores: Dione Barreto, Márcia Dias, Edson Flávio Santos, Paulo Gabriel, Marina Ruivo, Eliane C. Chieregatto, Antônio Canuto, Ana Helena Tavares, Maria Elizabete Sanches e Carolina Lobo Aguiar.

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

CONTATO

email: nodoanobrim.mt@gmail.com

Publicação das edições de 2022

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2022. Para acessar as regras de submissão, clique no link:

<https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

Editorial

A 77ª edição do **Nódoa no Brim** é ilustrada com as produções do artista plástico Carlos Alberto Bosquê Júnior. Bosquê, como é conhecido, tem contato com as artes plásticas desde criança, as primeiras artes foram aos seis anos de idade, quando decorou o aniversário do irmão Alessandro com desenhos e pinturas coloridas dos personagens da Família Barbapapa. Aos onze anos o pai do artista apresentou a ele as técnicas da pintura em telas. Na adolescência gostava de desenhar e pintar demônios, monstros, "para mim o excluído vilão tinha mais formas, mais atenção e dentro deles um possível coração que revoltava ou desviava das condutas dos que eram aceitos como belos, eles fugiam de padrões". Bosquê ressalta a dificuldade de expansão da arte pois os materiais são caros e com acessibilidade limitada em regiões distantes dos grandes centros.

Nesta edição, temos também a participação especial do Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, Nordeste e Centro-Oeste - GPFENCO, que colaborou enviando-nos vários textos: artigo, ensaio, poemas e contos escolhidos. O GPFENCO é coordenado pelo professor pesquisador José Eduardo Martins e tem a proposta de preencher a lacuna existente no cenário da pesquisa e mapeamento da literatura

escrita por mulheres nessas regiões.

O ensaio *Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco vozes de mulher: Cida Pedrosa, Fátima Ferreira e Dione Barreto*, escrito por Maria Elizabete Sanches (GPFENCO), faz uma crítica à tendência da pesquisa em literatura de "sempre colocar de lado expressões mais recentes da nossa literatura optando por autores já consagrados." Segundo a autora, a Geração Independente faz um "resgate das atividades poéticas de rua entre os centros das cidades de Recife e Olinda e parte de suas periferias geográficas e socioculturais, entre elas a rua Sete de Setembro e as avenidas Conde da Boa Vista e Guararapes.

O artigo *As "Filhas de Lilith" e a (re)significação de Cida Pedrosa: uma breve análise através da teoria da aclimatação*, Carolina Lobo Aguiar (GPFENCO), além de uma bela apresentação de Cida Pedrosa, salienta que em suas produções, a poeta "expõe ousadia e eroticidade, além de apresentar a força feminina na luta contra os preceitos de uma sociedade ainda patriarcal".

A seção **Amazônia Legal** apresenta dois poemas selecionados pelo GPFENCO: *Manifesto do amor*, de Dione Barreto, traz musicalidade, ritmo e forma ao falar sobre o amor; o poema de Márcia Dias, por meio de belíssimas aliterações, leva o leitor para o universo interior do eu lírico, de leveza, constância e força. Talvez seja lá uma das várias habitações da poesia.

Marina Ruivo, (GPFENCO), compartilha com os



leitores de **Nódoa no Brim** o fascinante conto *Bié*, menina de treze anos que, como tantas, é forçada, pelas circunstâncias, a se afastar do universo próprio das adolescentes e se responsabilizar por coisas que não caberiam a ela.

Em periódicos literários como o **Nódoa no Brim**, há o entrecruzar da literatura e do jornalismo, a crônica, esse gênero impreciso e fluido, é o melhor exemplo para se compreender essa conexão. Marie-Ève Thérénty diz que a escrita jornalística tem duas matrizes: a jornalística e a literária. Periodicidade, atualidade, efeito-rubrica e coletividade são as quatro regras da matriz jornalística; ficção, ironia, conversação, escritura íntima são as contribuições da matriz literária.

No editorial da edição passada, nº 76, comentei sobre a angústia da periodicidade: Enquanto a notícia acontece todos os dias [...], a literatura [...] não acontece o tempo todo, ela é algo mais que o fato em si, pois há o fator literário, a arte, que depende do escritor. Nesta edição, convido o leitor a pensar sobre a atualidade presente na matriz jornalística dos periódicos literários. Entre todas as edições do **Nódoa** deste ano de 2022, esta é a que traz os dois textos mais atuais, pensando em atualidade como “um lapso de tempo que compreende o que está para se produzir (o incoativo), o que aconteceu muito recentemente e o que vai acontecer, isto é, o presente, o futuro e o passado próximos” (THÉRENTY, **La Littérature au Quotidien**, p. 90. Tradução livre de Álvaro Simões Jr.)

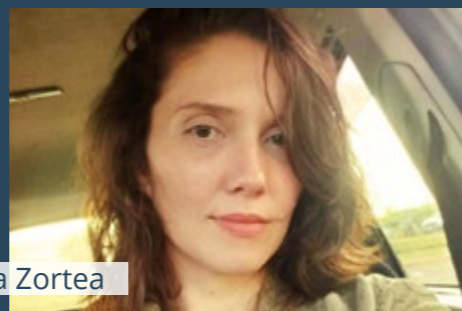
O que pretendo é propor uma reflexão sobre a efemeridade da matriz jornalística dentro do periódico literário. Os textos dos quais me refiro são *Bruno e Dom fazem parte da nossa família*, crônica de Antônio Canuto, e *Um presidente que não vai para o céu*, de Ana Helena Tavares. Ambos falam sobre os assassinatos do jornalista britânico Dom Philips e do indigenista brasileiro Bruno Pereira, ocorridos em 5 de junho de 2022. Teriam estes textos a possibilidade de se tornarem peças incólumes aos danos do tempo? Se sim, que elementos, estratégias, informações importam para alcançar essa graça? Muitos escritores desviam de temas ou fatos da atualidade justamente pelo risco da efemeridade; quem intenta entrar para a eternidade, não pode se ater apenas a um momento específico.

Não há, entretanto, uma única forma de sobreviver ao tempo; alguns textos perduram por trazerem registros históricos, ou seja, sem pretensão ou potencial artístico. Seria essa a

chave? Refiro-me especificamente às crônicas. Potencial artístico, relação com elementos que vão além do dado do momento? Sobre a crônica, Arrigucci afirma que “À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa [...] pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história” (ARRIGUCCI, **Enigma e comentário**, p. 53). Leiam e nos digam, leitores do **Nódoa no Brim**.

As referidas crônicas dialogam com mais dois textos desta edição, a carta e um dos contos, que juntos compõem uma ação em protesto aos assassinatos dos ativistas Dom Philips e Bruno Pereira e de tantos outros em situação similar. A **Carta ao escritor**, escrita por Edson Flávio Santos, é dirigida (*in memoriam*) a Pedro Casaldáliga, um nome potente quando se fala de poesia. Casaldáliga tem a alta qualidade estética e sua obra é obliterada por utopias e resistências: o que o momento exige! Paulo Gabriel, no conto *Com a orelha da vítima no bolso*, reconstrói, pela arte, a imagem do sertão mato-grossense na época dos projetos de colonização do estado, que trouxeram “progresso” e conflito para estas terras na Amazônia: “Na segunda metade do século XX e de repente, como surgindo do nada, passaram a conviver lado a lado o fogão de lenha, as torres de energia elétrica e o maço de velas iluminando as trevas.”

Para finalizar este editorial, apresento ao leitor a seção Literamato, que, nesta edição, é de responsabilidade da pesquisadora Eliane Chieregatto. Ela instiga os leitores a percorrerem as páginas do livro *O segredo de Marguerite*, do escritor mato-grossense Luck Mamute: “o livro oferece, além da viagem pelo universo da imaginação e do conhecimento, leitura prazerosa e com ela a emoção de se reconhecer participante de uma aventura extraordinária pelas veredas desse nosso sertão”



Claudia Zortea

MANIFESTO DO AMOR

O meu amor é feito do pulsar das águas,
Da volição do ser no vendaval da carne,
Belo porque raro, eterno porque arte,
Muito mais que de amor o meu amor é feito.

Muito mais que amante, curral da madrugada,
Mais que o fogo, mina inflamável dos desejos,
Púrpura de afetos, vicinais, indefesos,
E muito mais que isso o meu amor é feito.

Se rude na ilusão, cruel despedaçado,
Em luta contra o ser, seduz inconsequente
Os rastros de outra busca, ainda que indigente,
Decerto este amor, mais que de amor é feito.

Mendigo eterno da sorte, cego no acaso,
Risco imortal na morte, mentira em riste,
Se mesmo ainda assim o meu amor insiste,
É certo que o amor, mais que de amor é feito.

Por mais que queira sábio o ritmo do desejo
E mais: sejam livres as rédeas que pretendo,
Chamo esse amor de amor que não entendo,
De busca necessária: eis do que o amor é feito.



Dione Barreto

Dione participou ativamente do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco. É uma das autoras objeto de pesquisa do Grupo de Poesia Contemporânea de Autoria Feminina nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Publicou vários livros e participou de diversas antologias.

dione.g.barreto@icloud.com



AMAZÔNIA LEGAL

||

Sempre será primavera em mim
mesmo que o pássaro não cante
a flor não desabroche as folhas não renasçam
será primavera em mim

mesmo que o vento seja cálido
que o inverno me congele
que os frutos não sejam doces
será primavera em mim

mesmo que a semente não nasça
o rio não deságue
adormeçam as cantorias
será primavera em mim
porque a primavera sou eu
uma estação que em mim repousa
serei sempre primavera.



Márcia Dias

Márcia é doutoranda e pesquisadora na área de Literatura brasileira, Literatura indígena contemporânea, Literatura infantojuvenil, Letramento Literário, Língua, Memória, Fronteiras e Interculturalidades na Amazônia. Em 2020 tornou-se membro da Academia Guajaramirense de Letras. Publicou os seguintes livros: *Os (des) ajustes da palavra*(2019), *Onde mora a poesia?* Palavrinhas para crianças de todas as estações”(2020) e *A menina que sonhava com as águas coloridas*(2022).

marcia.santos@unir.br



Carta para o poeta Pedro Casaldáliga (In memoriam)



Edson Flávio

Edson Flávio é cacerense, doutor em estudos literários, pesquisador e docente do Programa de Pós-graduação em Estudos literários (PPGEL/UNEMAT). É autor de **Aldrava** (2020) e **Utopias e resistências na obra de Pedro Casaldáliga – escritos escolhidos** (2021). Escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

edsonflaviomt@gmail.com

Querido Pedro,

Há muito tempo queria lhe escrever.

O Brasil está cada vez mais complicado e, por diversas vezes, me pergunto o que você falaria diante de algumas situações. Qual poema surgiria? Para quem você enviaria uma de suas cartas? Ou qual oração brotaria de seus lábios?

Na última vez que estive contigo senti sua força e sua fragilidade habitando no corpo lúcido e fraterno. Como fui acolhido pelo senhor!

"Minhas causas valem mais que minha vida!" o quanto isso ecoa no meu coração quando olho para sua história, para sua poesia, para suas lutas que ainda perduram.

Lutas que ainda estão estampadas nos jornais, nos rostos do nosso país. Lutas que não se esgotaram porque ainda não existe a justiça.

Quando ouço o Papa Francisco, lembro da sua voz, Pedro. Vejo um Papa alinhado com boa parte de suas utopias. Ficaríamos um bom tempo falando sobre esse tema. Por isso, sempre digo que você se foi muito cedo, meu amigo.

Permita-me chama-lo assim: amigo. Porque é assim que eu sempre senti nossa relação.

Eu pesquisador, professor, pessoa, nunca enxerguei um Pedro inacessível, distante, soberbo.

Você teria todos os motivos para ser assim, mas preferiu estar ao lado dos pobres, dos que sofrem, dos que ainda não têm aquilo que sobeja para tantos. Isso ninguém pode roubar de você.

Pedro, a Terra ainda não é nossa e não temos nem tanta Liberdade mais.

Suas utopias continuam nos inspirando, nos alimentando, nos direcionando.

Sua poesia ganha cada vez mais admiradores e pesquisadores. Elas sempre atestarão tudo o que você sempre foi nesse mundo, em vida.

Não falo da sua ausência porque ela é abstrata. Sua lembrança, seus passos, seu legado te fazem Pedro, presente!

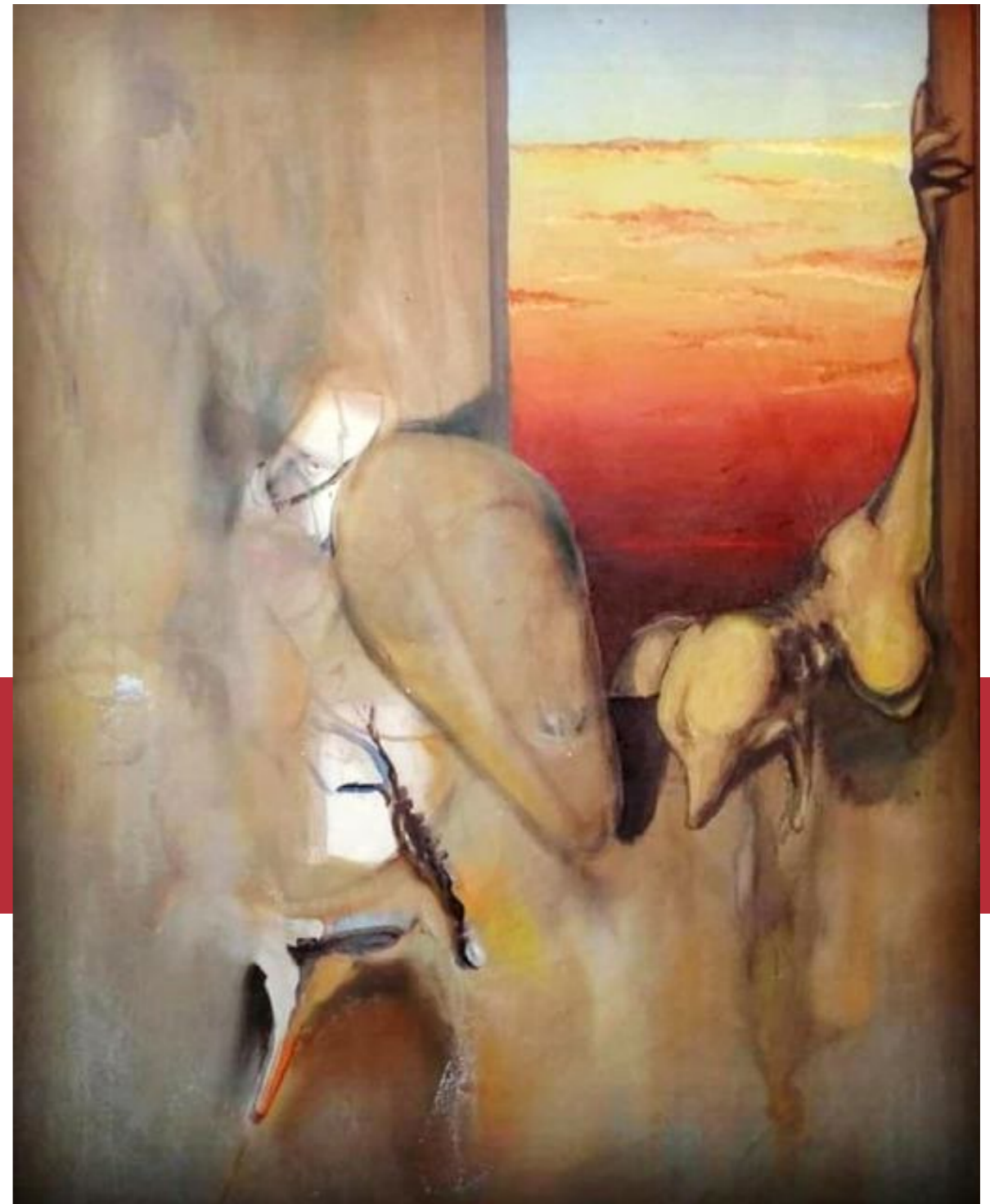
Agora, sei que estás na Casa Grande do Pai, livre das dores desse mundo, mas certamente, inquieto com tanta injustiça sangrando nosso peito.

Sei que daí intercede por nós, seus irmãos na fé, na luta do dia a dia para que possamos seguir, cheios de vida, de luta e de poesia, crendo que

A Utopia é possível
se nós optamos por ela,
vencendo o passado escravo,
forjando o duro presente,
forçando o novo amanhã (CASALDÁLIGA, 1982, p. 33)

Recebe, Pedro, meu abraço e minhas lágrimas de saudade.

Edson Flávio Santos
Seu amigo e poeta





Com a orelha da vítima no bolso

Na madrugada daquele domingo trágico, os burros do carroceiro “Mixaria” cagaram irreverentes na porta da casa do juiz Manoel Marques Lemos. Duas casas mais adiante, morava o bispo.

Felizmente, pensou Deolice Dias na manhã de segunda-feira, ao chegar para o trabalho na casa do prelado, desta vez os animais me pouparam a degradante tarefa de limpar a bosta em público. Agradeceu a Deus e comentou apreensiva com a vizinha Nazaré Rodrigues: Quem amarrou os burros na grade da casa do juiz quer briga. Isso vai feder.

O bispo tinha fama de santo, o que não era normal naquele tempo. Vivia pobre entre os pobres, numa casa de barro e telhas de amianto e a porta estava sempre aberta, ninguém precisava marcar audiência, era só entrar. A cozinheira Deolice Dias recebia as visitas

e servia o cafezinho. O juiz, por sua vez, era honesto, o que soava ainda mais estranho. Não se deixava intimidar pelo poder local e sempre acolhia as queixas dos mais pobres. Não amanhecera ainda e já se formava na porta do Fórum uma fila de coitados a pedir clemência. A primeira nessa segunda-feira era a viúva do finado Freitas, lavrador assassinado pelo poderoso comerciante Filemon Andrade, numa disputa de terras.

Corria agosto e o vento e o mormaço invadiam a cidade. A poeira acumulada durante os meses de seca se grudava até nas frestas da alma. Inútil fechar as portas ou isolar as janelas. Invisível como a dor dos afogados, o pó teimosamente pousava nas mesas, sujava os lençóis, tingia de vermelho as prateleiras. Deolice Dias corria aflita de porta em porta tampando os buracos e espanando aos



Paulo Gabriel

Frei agostiniano, nasceu na Espanha e é naturalizado brasileiro. Vive no Brasil desde 1972. Morou 20 anos na Prelazia de São Félix do Araguaia e atualmente reside no Vale do Jequitinhonha no norte de Minas. É poeta, formado em jornalismo. Escreve prosa e poesia tendo vários livros publicados.

solavancos as paredes esburacadas da casa do bispo. Inútil serviço, uma hora depois a poeira tomava conta de novo, como se nunca antes alguém a tivesse limpado.

Canabrava do Norte era um povoado menor, perdido na região pré-amazônica, sem rio grande por perto e longe do mundo.

Na segunda metade do século XX e de repente, como surgindo do nada, passaram a conviver lado a lado o fogão de lenha, as torres de energia elétrica e o maço de velas iluminando as trevas. O “progresso” está chegando, gritou eufórico na Câmara dos Vereadores o vereador e farmacêutico Almir Machado.

E mostrou as fotos com os postes de luz atravessando o sertão. Agora é luz para todos. Somos a fronteira agrícola do país. E empolgado fez uma afirmação que arrancou aplausos tímidos da meia dúzia de ouvintes que sonolentos o escutavam: Aqui é o celeiro do mundo.

Anos depois, entre as covas rasas dos peões assassinados, ainda resistiam em pé os esqueletos incinerados das árvores que não sucumbiram ao fogo e à loucura daquela época de um progresso devastador e tenebroso.

Tempo caótico foi esse, disse o bispo, e o juiz Manoel Marques Lemos ficava fascinado ouvindo as histórias que o bispo lhe contava. Motivado pela sua coragem, segredou-lhe o juiz: Eu decidi estudar direito para continuar a sua luta neste sertão abandonado.

Você é um idealista, dizia o bispo.

Quixote!, é isso o que você é!, revidava o juiz.

Hoje é mais perigoso ser juiz, você sabe disso, continuava o bispo.

Sei, se sei!, e o juiz olhava ao longe como quem imagina um destino trágico.

Nós dois, brincava o bispo, somos da época dos dinossauros, pertencemos ao grupo de animais em extinção. Isso é certo, concordava o juiz Manoel Marques Lemos. Na sua Igreja, agora só nomeiam bispos burocratas, administradores mais preocupados com a carreira eclesiástica e com o direito canônico do que com a realidade trágica do povo. Olha só quem fala, respondia o bispo sorrateiro. Você faz parte do poder mais corrupto deste país. Aqui se pode criticar o presidente, xingar os deputados, mas ai de quem ousar dizer uma palavra contra os juízes! Urubus na carniça, é isso o que são!

Estou recebendo ameaças de morte, segredou o juiz ao bispo, e sei de onde vem.

Fora Chicão “Três Cu”, a mando do fazendeiro Luis Rezende, quem amarrou os burros na porta do juiz naquela madrugada. Provocá-lo fazia parte do jogo. Dias antes o juiz mandara expedir uma ordem de prisão contra o fazendeiro acusado de manter em sua fazenda trabalhadores em regime

de escravidão e trabalho degradante.

Você está com medo? Perguntou o bispo. Estou sim, sobretudo pensando no futuro dos meus filhos, mas conhecendo sua história não posso desistir.

Para mim é mais fácil, não tenho filhos.

Pistoleiros organizados numa associação com sede própria publicavam, numa tabela exposta à porta, o preço a ser cobrado pelo serviço realizado, variando de acordo com a importância da vítima. A prova era apresentar ao mandante do crime a orelha da vítima.

Omisso, sem caráter e vendido aos latifundiários, o delegado de polícia de

Canabrava do Norte passara a noite no cabaré da Mariona. As oito da manhã, ainda sonolento e de ressaca, se irritou ao ouvir no telefone a voz do juiz Manoel Marques Lemos.

Mude de lado e terá sossego, conselho de amigo, lhe disse o delegado Lacerda, enquanto cuspiu o café frio e amargo do dia anterior. O senhor está do lado errado, senhor juiz. E o juiz Manoel Marques Lemos entendeu mais uma vez que estava ao deus-dará naquela empreitada medonha.

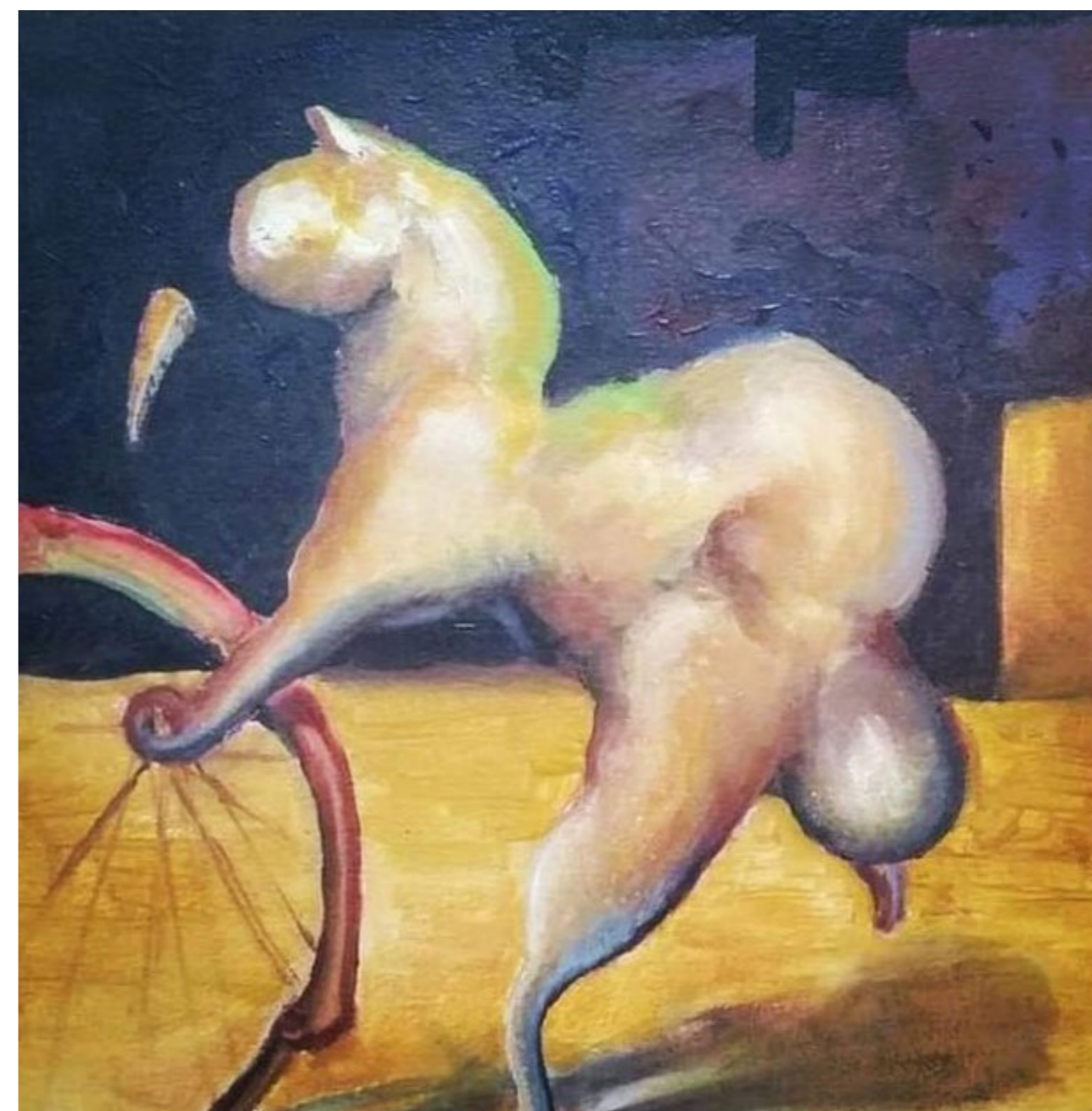
Três dias depois, na madrugada de quarta-feira, lá onde os burros foram

amarrados, quem esperava de tocaia era o pistoleiro Japão.

À luz da lua minguante, o estrondo do disparo no silêncio tenso acordou os galos e um revoar de asas agitou a noite. No bolso da calça o jagunço guardou a orelha ainda quente e uma poça de sangue ficou na calçada enquanto a noite se fazia mais densa e o pistoleiro devagar caminhava pela rua, deixando para trás as duas casas que o separavam do próximo destino.

Paulo Gabriel, em **Sertão em Chamas** (2017)

Você está com medo? Perguntou o bispo. Estou sim, sobretudo pensando no futuro dos meus filhos, mas conhecendo sua história não posso desistir.





Bié

Quando a mãe contou que não tinha feito a matrícula pro sétimo ano, a raiva de Bié queria alcançar os pratos debaixo da pia e lançar tudo na parede, a vontade de gritar que não era justo, ela queria

ser advogada, precisava continuar na escola. Mas a mãe não deixou espaço pra reclamação, que Deus estava vendo tudo, ela precisava ser uma boa filha, fazer sacrifícios. A patroa nova morava

longe, a mãe tinha que sair cedo, chegava em casa só depois das oito, precisava de Bié fazendo almoço, cuidando de Carol e Leo de manhã, Juliana e Davi de tarde, não tinha outro jeito. Se o pai deles não tivesse ido embora era outra coisa, mas sem ele era só mesmo Bié.

Os pingos grossos desceram lentos pelo rosto da menina, espalhando o sal pela pele, chegando aos lábios, deglutindo a raiva e fazendo-a sentir-se uma porcaria de garota que não prestava pra nada. A mãe necessitando tanto dela, como ainda se permitia sentir raiva? Se não fosse ela a ficar com os irmãos menores, a mãe não podia trabalhar, e se a mãe não trabalhasse, como eles todos iam comer? Bié ajudaria, claro que ajudaria, era isso que devia fazer. Assim que desse voltava pra escola, teria tempo.

Isso fazia mais de um ano, tinha sido um pouco antes de ela completar treze anos. Por enquanto, não via nenhuma chance de voltar à escola, mas não sentia mais muita falta, tantas eram as coisas pra fazer no dia a dia. O negócio que estava pegando mais era o desejo de namorar, que crescia junto com o medo, ainda mais depois de ter visto André pela primeira vez na padaria da esquina. Moço, devia ter uns dezoito. Lindo. O boné virado pra trás, a camiseta regata mostrando tatuagens coloridas nos dois braços. A melhor amiga de Bié, Gabi, tinha descoberto um monte de coisas sobre ele. Que trabalhava na feira, ajudando o pai na barraca de tomate. E que estava montando a própria banquinha, de games. Gabi tinha conversado um pouco com ele, na venda ali do lado. Sabia que ele era simpático e que lutava Muay Thai, tinha visto pela camiseta. A conversa não tinha sido nada mais que umas palavras sobre a demora da funcionária em atender as pessoas, mas Gabi tinha ficado entusiasmada, certeza que ele tinha olhado de maneira especial pra ela.

As duas sonhavam juntas, queriam namorá-lo e, talvez porque soubessem a impossibilidade da coisa, não sentiam ciúme uma da outra. Eram montes de sonhos e suspiros na escadaria perto da casa de Bié, onde ela se sentava com Gabi

toda tarde. Era pena André não trabalhar na feira do bairro, ele e o pai iam apenas para feiras que ficavam longe, queriam vender pra gente com mais dinheiro, parece que iam mais para as bandas da Brasilândia, Freguesia, Limão, Bié não sabia direito. Mesmo assim elas o viam passar muitas vezes, geralmente no meio da tarde, lá pelas quatro, cinco horas, quando ele e o pai voltavam.

Bié e Gabi passavam batom e ficavam sentadas esperando por ele como se estivessem apenas conversando por acaso, sem intenção. Gabi já tinha beijado um menino da escola. Era muito estranho, quase ruim, ela dizia, mas achava que isso era porque o menino era muito novo, não sabia fazer direito. Bié ainda era BV, as duas letrinhas que odiava profundamente. Boca Virgem. Ter saído da escola atrapalhava também nisso, por enquanto não via como deixar de ser BV.

Nem ela entendia, mas seus olhos eram sempre tristes, por mais que a boca sorrisse. Talvez não fosse tristeza, era mais que a pele abaixo dos olhos estava sempre de um roxo azulado e até a mãe vivia gozando, Ei, Bié, que tanto você fica assim, com esses olhos pretos, hein? Não dorme não, menina? Bié dormia, mas tinha sempre olheiras. Não sabia se era por isso, mas quando viu estava gostando de vestir blusa preta, ela e Gabi passavam esmalte preto nas unhas das mãos e dos pés e um dia conseguiram comprar uma bisnaga de tinta preta. Uma pintou o cabelo da outra, as irmãs menores de Bié ajudaram. Nessas horas, esquecia que não estava mais estudando, esquecia de André, esquecia até que era BV. E apenas ria, ria muito, beijando os irmãos que eram tão lindos e faziam a maior farrá, de luva plástica nas mãos pequenas, os braços sujos da tintura, Carol falando que queria virar loira e Juliana dizendo que preferia ser ruiva, ela sempre queria ser diferente. Gabi e Bié com os cabelos pretos retintos, os olhos tristes de Bié ainda mais tristes e brilhantes.

Dois dias depois foi que tudo aconteceu. Bié e a amiga, na escadaria, olhavam fotos no celular e aguardavam André, como todos os dias. Nesse horário Bié trancava

as crianças um pouco em casa, pra não se preocupar com elas. Assim que André passava, corria a destrancar, os irmãos bem acostumados com a rotina. As duas estavam sentadas há uns vinte minutos, André demorando mais que o costume, logo devia aparecer. Jogavam os cabelos de um lado para o outro, tentando decidir de que jeito ficavam mais bonitas e mais crescidas quando seu Adailton surgiu, Corre, menina, corre que tem fogo na tua casa!

Seu Adailton era um velho nojento. Se apresentava como viúvo, mas a verdade é que a mulher o tinha trocado por outro mais moço e mais bonito há anos, ele ficou sozinho com o filho, aliás um imbecil que se achava o menino mais lindo e inteligente da vila. Depois do filho criado, o desespero de seu Adailton por não ter mulher aumentou e ele passava a mão em todo canto, vivia tentando abocanhar alguma carniinha, o que só dava confusão, ninguém o queria por mais que ele espichasse as notas graúdas, oferecendo. Bié nem mais olhava pra ele, asco de ele vir com aquelas mãos peludas pra cima. Por isso, quando ele apareceu gritando na escadaria ela nem se virou pro lado de onde vinha a voz, continuou com Gabi como se nada. Só que na sequência veio a Maria Manicure, Bié, vamos lá, pelo amor de Deus, tem fogo na sua casa, onde tão seus irmãos?

Aí Bié se assustou. Maria Manicure era amiga da sua mãe, tinha sido comadre da sua avó, não tinha por que mentir. Gabi ainda falou, Espera Bié, o André tá vindo, ele acabou de apontar na esquina lá de baixo, mas Bié ficou com medo, tinha que ver a casa, os irmãos, Naná. Enfiou os pés nos chinelos e subiu os degraus de dois em dois, correndo, respirando pesado, nos olhos as imagens dos quatro carvãozinhos que deviam ter virado seus irmãos, ela nunca mais teria salvação. As mãos tremiam tanto quando chegou em frente da porta e viu a fumaceira que não conseguia pegar a chave no bolso da calça, foi Maria Manicure quem precisou gritar, a voz forte e segura de velha vivida, Calma!, e enfiar ela a mão no bolso da menina pra retirar a chave, socando-a com força na fechadura.

O fogo crescia, Bié entrou gritando os nomes dos irmãos. Por Deus o choro deles era a resposta, estavam vivos! Conseguiu atravessar a sala e alcançar a cozinha, os quatro encolhidos junto ao basculante, em cima da pia, os olhos esbugalhados. Davi, de três anos, era o único que não chorava, os olhos claros pareciam nem piscar pro fogo. Bié viu que ia ter que tirar as crianças sozinha, Maria Manicure não ia conseguir passar pela fresta ainda não comida pelo fogo e que permitia o caminho da sala à cozinha. Gritou para que a mulher ligasse nos bombeiros, enquanto isso catou Davi no colo e fez o trajeto até a porta com ele. Mal Bié o tirou do hipnotismo do fogo ele começou a se contorcer e se esgoelar, cabrito indo pra morte, então ela berrou de novo pra Maria Manicure, que ela pedisse ajuda dos vizinhos, o fogo crescia e ainda tinha que tirar os outros três mais Naná, que esganiçava, ameaçando saltar sobre o fogo mas não finalizando o gesto, as patas parando no ar.

Davi ficou com Maria lá fora, chorando. Bié voltou pra pegar Juliana, que se agarrava os cabelos e não queria passar pelo caminho estreito que levava à porta da rua. Bié precisou ir puxando-a pelos braços, mandando andasse rápido, o tempo passava, não dava pra ter enrolação. Enquanto Juliana paralisava, Bié olhou melhor a casa. O fogo queimava tudo. A tevê, o armário presenteado pela patroa da mãe, o sofá que era a cama das duas, Bié e mãe, e os colchonetes onde dormiam os meninos. Lambia a parede e chegava ao teto, provocando terror, hipnotizando. Mal conseguiu deixar Juliana com Maria e correu pra dentro, botou Naná no colo e no mesmo braço que segurava a cachorra enfiou a mão de Carol. A outra mão livre deu pro Leo e foi arrastando com força os irmãos, a fumaça cada vez mais preta e espessa.

Maria Manicure passava as mãos de dedos finos nos cabelos de Davi. Partiu levando os dois menores pra casa dela, Carol e Leo quiseram ficar ao lado de Bié olhando o fogo consumir o resto da casa e esperando os bombeiros, que chegaram só quando o teto da sala desabou. Nessa hora já havia uma multidão, todo mundo

querendo saber o que tinha acontecido, qual era a causa do incêndio, como podia uma coisa daquelas. Quando começou a se espalhar a notícia de que a irmã mais velha tinha trancado os quatro irmãos menores sozinhos em casa e não tinha atendido quando avisada de que a casa pegava fogo, alguém começou a gritar que essa menina devia mais era pagar pelo que tinha feito. Os irmãos quase morreram, ela na certa devia estar atrás de homem, uma vagabunda, o castigo divino não deixaria que escapasse, ah, não deixaria mesmo. Que Deus que nada, tinha que ser era castigada aqui na Terra mesmo, merecia morrer, isso sim!

O burburinho foi ficando mais forte e chegou aos ouvidos de Bié, que não sabia pra onde ir. Uma mão surgiu e a agarrou pelo braço esquerdo, era Maria Manicure de novo falando baixo, Venha, menina, venha rápido. Bié saiu andando ligeira seguida de Juliana e Leo, mas sem correr, pra não chamar a atenção. O povo gritava cada vez mais, só mesmo o espetáculo dos bombeiros retardava o ataque.

Quando sentou no sofá de Maria Manicure é que Bié chorou. Não conseguia falar, mas aos poucos foi ouvindo Leo responder às perguntas da velha. Estavam brincando, apenas brincando. Perseguiam uma baratinha, ela se enfiou debaixo do sofá e eles a cercaram pra que não conseguisse sair de lá. Cataram uma vela na cozinha, era divertido ver se o bicho tinha medo da luz, se tentava fugir com a aproximação do calorzinho do fogo. Quando Leo percebeu o fogo não estava mais só na vela, a ponta da colcha que cobria o sofá queimava e foi tudo rápido, ele não sabia explicar mais, o fogo foi espalhando, era horrível, horrível.

Bié quase tinha deixado os irmãos morrerem queimados, essa era a

verdade. Não merecia ser perdoada. A mãe confiava tanto e ela fazia uma loucura dessas. Merecia apanhar ou ser ela queimada no fogo, pra nunca mais fazer uma coisa assim. Tomando o suco de abacaxi que Maria Manicure serviu, comendo um bombom meio passado com gosto de cereja de bolo, teve a ideia de que talvez a culpa não fosse toda dela. Esse idiota do Leo afinal já tinha idade pra saber que com fogo não se brinca. Ele também tinha que apanhar, junto com ela. E essa mãe que sempre demorava, caramba. Quando chegasse ia ter um troço, não dava nem pra imaginar o desespero dela, tinham perdido tudo.

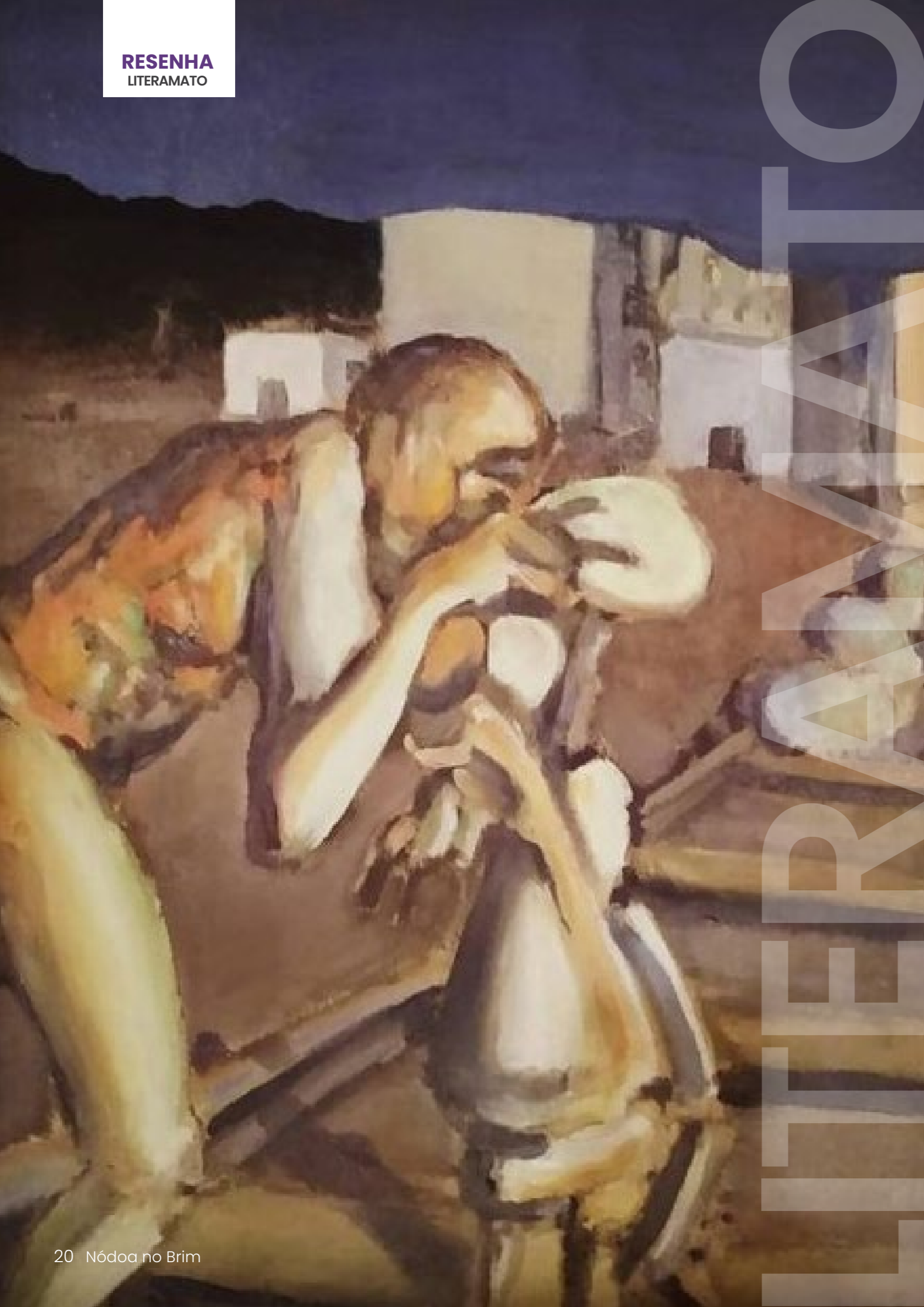
Maria Manicure levou Carol, Leo, Juliana e Davi pro banheiro, colocou pra tomar banho e disse que Bié ia ter que ficar uns dias trancada ali, o povo estava querendo linchamento, a raiva era muita e provavelmente demoraria a passar. A casa de Maria era boa, era tudo grande, muito maior do que a casa queimada deles, até a cozinha tinha espaço pra uma família grande. Enquanto Maria dava conta dos irmãos, Bié ficou esperando no sofá, os olhos fechados, molhados, tentando pedir a Deus que recebesse um castigo justo, não um muito gigante. Que ela seria boa e não descuidaria mais dos irmãos. Abria os olhos de pouco em pouco e olhava o quadro de Jesus na parede da sala de Maria Manicure sentindo cada vez mais fé, que Ele a perdoasse, que não a deixasse arder pra sempre no inferno, que o fogo na casa não fosse um sinal da sua vida que ainda estava por vir. Ela queria conseguir viver até ficar grande e estudar pra advogada, ia tirar a mãe e os irmãos dali e nunca mais ia ter os olhos arroxeados. Ah, e que eles conseguissem logo reconstruir a casa. Que Deus fosse bom, enfim, ao menos por um tempo, era só isso mesmo que ela pedia.



Marina Ruivo

Membro do Grupo de Pesquisa em poesia Contemporânea de Autoria Feminina das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (GPFENNCPO) e professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora e mestre em Letras pela USP, publicou os livros de poemas Nossa barca e Leite de mulher, pela Editora Patuá, e o acadêmico Geração armada: literatura e resistência em Angola e no Brasil, pela Alameda Editorial (com apoio da Fapesp).

marinaruivo@unir.br



O segredo de Marguerite

Imagine que entre os habitantes dessa imensa esfera redonda e azul, que chamamos planeta terra, você tenha sido escolhido para atravessar um portal que levasse a um mundo paralelo situado no interior dessa gigantesca nave que nos abriga. Essa é a experiência arriscada proposta àqueles que se aventuram pela leitura de *O segredo de Marguerite* (2021) de Luck P. Mamute. Ambientado em terras mato-grossenses particularmente na região de Peixoto de Azevedo, o romance interrelaciona distintos saberes, construindo uma teia entre o popular, o histórico e o científico. Permeado por várias vozes narrativas cuja composição enriquece o arcabouço de informações, integra-se a ideia de que o conhecimento é de fato construído por redes de relações em que o saber de um é complementado pelo de outro. O livro oferece, além da viagem pelo universo da imaginação e do conhecimento, leitura prazerosa e com ela a emoção de se reconhecer participante de uma aventura extraordinária pelas veredas desse nosso sertão.

De modo geral, a narrativa é construída tendo como base o espaço familiar num ciclo de ação que envolve pelo menos três gerações, filhos, pais, avós, sendo, portanto, retomados pelos personagens e narradores aspectos conhecidos ou reconhecidos pela memória. A obra de Mamute dialoga profundamente com a

experiência vivida e projetada, em função disso, perspectivas acerca do futuro. Mais que um convite à aventura, a obra condensa possibilidades de estímulo à imaginação, reflexão e ao pensamento.

É difícil não perceber as imbricações entre *O segredo de Marguerite* e clássicos da literatura como *Viagem ao centro da terra* de Júlio Verne. Destacamos também o diálogo frutífero e pertinente afinidade que a história de Marguerite constitui com o drama vivido por Diadorim, personagem de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas*. Outros diálogos, especialmente os vinculados à história de Mato Grosso, como a expedição Roncador-Xingu, a própria *Marcha para o Oeste*, entre outros referenciais explorados pelo autor, se tornam importantes fontes de ampliação de leitura, aspecto que pode ser favorecido a partir do trabalho pedagógico considerando que a obra está entre as selecionadas pelo projeto Literamato II e pode ser encontrada em várias bibliotecas públicas, em escolas de Ensino Fundamental e Médio, bem como nos campi dos IFs e UNEMAT.

Título: O segredo de Marguerite

Autor: Luck P. Mamute

Editora: Cálida

Ano de publicação: 2021

1ª Ed. São Paulo – SP



Eliane C. Chierogatto

Eliane C. Chierogatto é professora da rede pública de Ensino no Estado de Mato Grosso, Mestre e doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

elianechierogatto01@gmail.com

Bruno e Dom fazem parte da nossa família

Os últimos dias foram tomadas pelo acompanhamento de uma tragédia inominável no Vale do Javari, no Amazonas.

Bruno Araújo Pereira, um dos mais conceituados indigenistas dos quadros da FUNAI, o responsável pela área dos indígenas isolados, e o jornalista britânico há anos radicado no Brasil, Dom Phillips, foram sequestrados, assassinados, esquartejados, queimados e enterrados num ponto isolado da floresta amazônica. E isto aconteceu quando eles tentavam voltar a Atalaia do Norte, município amazonense já na divisa com o Peru, de onde tinham partido. Haviam estado em comunidades ribeirinhas e em algumas comunidades indígenas.

A resolução do intrincado quebra-cabeça do desaparecimento levou onze longos e intermináveis dias. Chegou a um desfecho concreto graças, sobretudo, à participação inestimável de indígenas, profundos conhecedores da região. Estes, com a participação das forças policiais, desde o primeiro momento da notícia do desaparecimento, numa demonstração de amizade e solidariedade, não descansaram até verem o desfecho.

Bruno era conhecido e respeitado entre os indigenistas brasileiros e entre os valorosos servidores da FUNAI que tentam preservar a finalidade deste órgão que é a proteção dos povos indígenas. Era também conhecido de grupos que mais de perto acompanham a causa indígena e tentam defender sua identidade e seus territórios.

Dom Phillips era um jornalista bastante conhecido dos britânicos, que podiam ler seus trabalhos em diversos órgãos da imprensa do Reino Unido. Veio ao Brasil para pesquisar e escrever sobre música brasileira, mas logo ao conhecer a riqueza da Amazônia, se converteu em um acérrimo defensor do Floresta, do meio-ambiente e dos povos e comunidades que nela vivem e que com sua presença e ação a defendem.

Os bárbaros acontecimentos que envolveram seu sequestro e suas mortes fizeram romper as barreiras do parentesco, da nacionalidade e até as barreiras do espaço físico, e eles se tornaram parte de nossas famílias, das nossas comunidades, de nossos povoados e cidades onde se tenha desenvolvido o senso de humanidade e de justiça.



Antônio Canuto

Antônio Canuto é jornalista colaborador do jornal Alvorada desde o final da década de 80 e tem dois livros publicados: Resistência e Luta Conquistam Território no Araguaia Mato-grossense e Ventos de Profecia na Amazônia, que escreveu a partir de sua experiência como agente pastoral e jornalista na região da Prelazia de São Félix do Araguaia.



Só não os reconhecem aqueles cujo senso de humanidade foi subjugado pelos valores do crime, do mercado e do negócio, e aqueles que deixaram embotar e atrofiar seu espírito e coração pelo ódio e a violência. Estes, ao invés de chorar estas mortes, ainda as celebram das mais diversas formas até com motocicletas.

Toda vida violentamente interrompida na luta e defesa dos valores humanos da justiça, da igualdade, da solidariedade, dos direitos dos mais fracos e invisíveis, ganham uma nova dimensão na história humana.

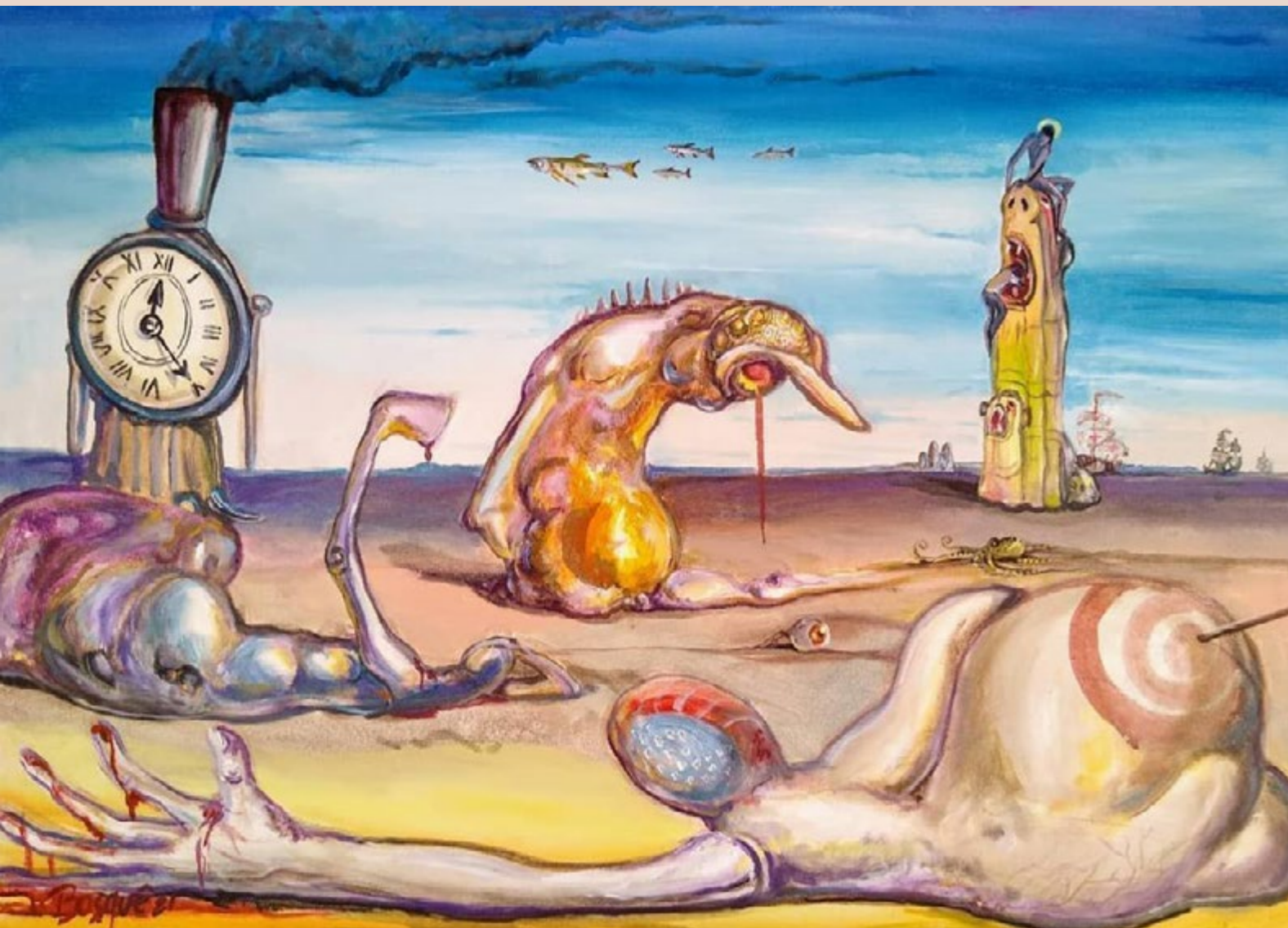
Foi assim com o jovem rebelde galileu, condenado e morto pregado numa cruz. A pedra que fechava sua sepultura foi removida e seus ensinamentos ganharam corações e mentes. A isso seus seguidores chamaram de Ressurreição.

No decorrer da história, os muitos e muitos que entregaram sua vida na defesa de ideais

superiores viram suas belas e justas ações, que ficavam confinadas a um determinado espaço, ganhando uma dimensão incomensuravelmente maior. Na mesma Amazônia, onde foram sacrificados Bruno e Dom, Chico Mendes, padre Josimo Moraes Tavares, irmã Dorothy Stang, Zé Cláudio e Maria do Espírito Santo, entre muitos outros, são exemplo disso. Suas ações se expandiram para outros lugares e outras realidades. O mesmo podemos dizer de Martin Luther King, Che Guevara, Margarida Maria Alves, e inumeráveis outros cidadãos e cidadãs do mundo.

As mortes de Dom Phillips e de Bruno Araújo Pereira ganham a dimensão do planeta. Elas se tornam vida, viram ressurreição, pois sua força vai contagiar pessoas e povos, como contagiou a morte daquele nazareno rebelde.

Goiânia, 17 de junho de 2022



Um presidente que não vai para o céu

Em setembro de 2012, eu me vi em meio a um protesto de posseiros pela posse de terras indígenas no norte do Mato Grosso, região da chamada Amazônia Legal. Cara a cara com um líder dos manifestantes, com seu chapéu estilo “rei do gado”, ouvi dele que

o bispo que eu estava ali para entrevistar – Dom Pedro Casaldáliga – tinha “muitos amigos no Planalto”. E ele completou: “Esse bispo não vai para o céu”. Como eu era a única jornalista ali e eles tinham interesse de que o protesto fosse noticiado, arrumaram

um carro para me levar até um ponto de ônibus onde pude seguir viagem até a casa de Pedro.

Hoje, dez anos depois, estou prestes a viajar de novo para aquela região para, entre outras coisas, visitar o túmulo do bispo. A conjuntura política é inversa. Se fosse vivo, Pedro bem poderia repetir os famosos versos de Cazuzu: “os meus inimigos estão no poder”. E eu, se hoje fosse entrevistá-lo, talvez não fosse tratada com tanta tolerância por um jagunço de latifundiários.

Afinal, no Brasil atual, são eles, os grandes donos de terras, os desmatadores, que têm “muitos amigos no Planalto”, e estão fazendo deste país um pária internacional e uma terra arrasada.

Como dizia Pedro, citando Luís XV, o pensamento desse pessoal é “après moi, le déluge”. Ou seja, “depois de mim, o dilúvio”.

Escrevo estas linhas no dia de Corpus Christi de 2022, sob o impacto da revelação de que o indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Philips foram assassinados, esquartejados e incinerados na região da terra indígena do Vale do Javari.

São mártires que tiveram suas vidas ceifadas por defenderem a natureza e os povos originários.

Não tinham amigos no Planalto, muito ao contrário. Bruno foi demitido de seu cargo na FUNAI por fazer exatamente o que deveria fazer: defender os indígenas. Dom Philips, por seu trabalho de documentação de violações aos direitos humanos, era visto como um estorvo pelo atual presidente.

A Amazônia já era perigosa antes de 2018, não há dúvida. Dorothy Stang não me deixa mentir. É inegável, porém, que um presidente de extrema-direita, cujo símbolo

principal são dedos em formato de arma e que declara, como no último dia 15/06, que “Jesus não comprou pistola porque não tinha naquela época”, é um agente de proliferação da violência.

Mais do que isso, ao desmontar o estado brasileiro, aparelhando órgãos vitais como a FUNAI, o atual inquilino do Planalto age deliberadamente para proteger não os oprimidos, mas os opressores. Claramente, todos aqueles que buscam denunciar quem pratica a opressão são empecilhos a serem silenciados.

Como já dito, em breve estarei de novo diante do cenário que, há uma década, me fez entender um pouco as raízes da desigualdade social neste país, que hoje sei ser fundado numa profunda inversão de valores.

O bispo que me disseram que não iria para o céu era aquele que defendia os pobres, os negros, os escravizados, os indígenas. O presidente que tantos cristãos acreditam que vai para o céu é aquele que defende os ricos, os escravagistas, os latifundiários, os garimpeiros ilegais.

Nos 200 anos de uma independência incompleta, é preciso virar essa chave. O céu do Brasil já tem mártires demais. Que o sangue deles não seja em vão e que suas mortes não fiquem impunes é o mínimo. A verdade é que será preciso refundar o Brasil.

Esperemos que a refundação comece em 2023, de preferência com o atual presidente na cadeia.

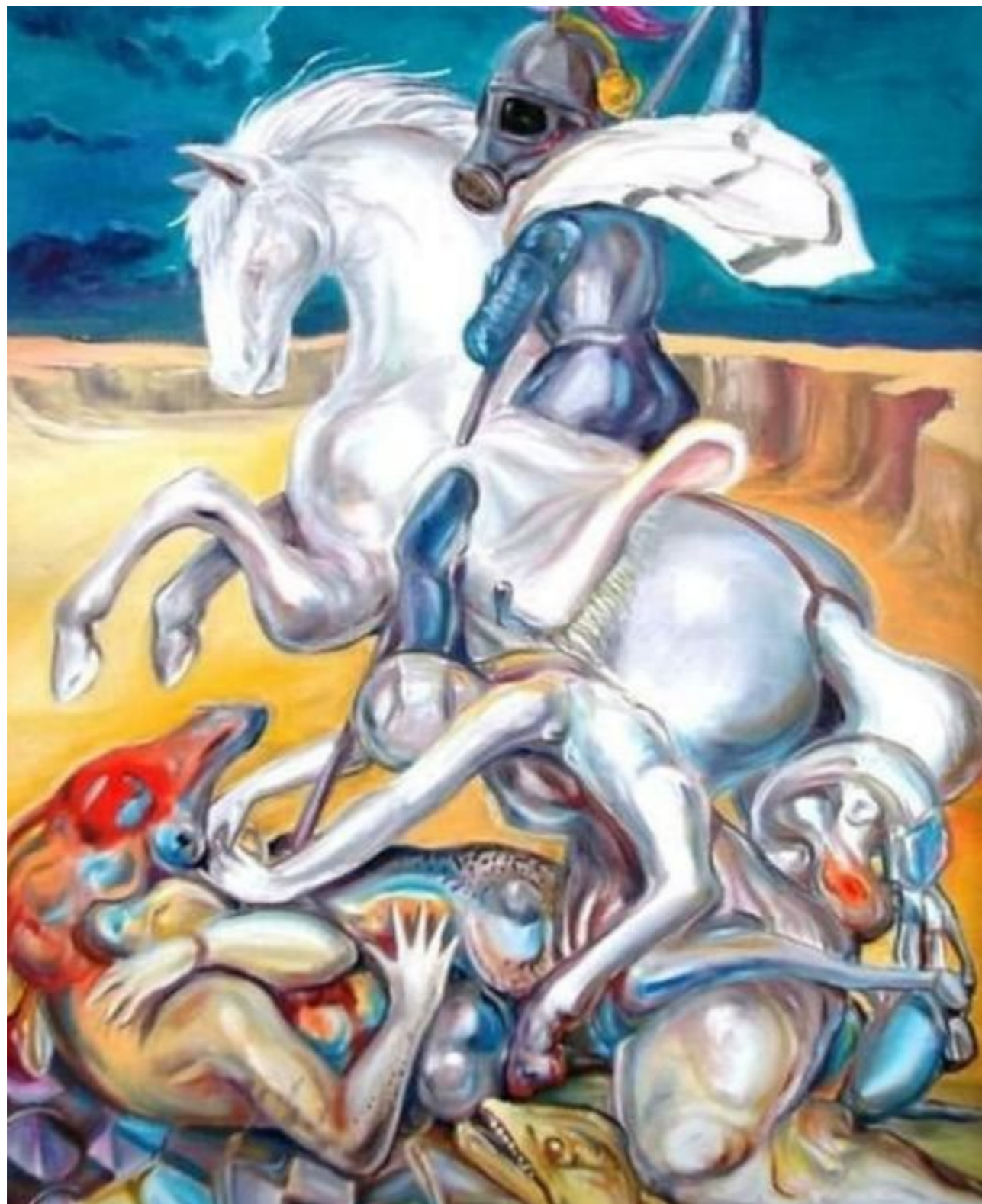
Crônica publicada em 17/06/2022 no site da associação Brasileira de Imprensa. Disponível no link: <http://www.abi.org.br/um-presidente-que-nao-vai-para-o-ceu/>



Ana Helena Tavares

Jornalista, diretora de assistência social da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Tem livros-reportagem publicados no Brasil e no exterior, entre eles: “O problema é ter medo do medo - O que o medo da ditadura tem a dizer à democracia” (Revan, 2016) e “Um bispo contra todas as cercas - A vida e as causas de Pedro Casaldáliga” (Vozes, 2019), este último já traduzido para o espanhol e o catalão.

e-mail: ahrt84@outlook.com



MOVIMENTO DE ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO VOZES DE MULHER:

CIDA PEDROSA, FÁTIMA FERREIRA E DIONE BARRETO

Em **Literatura e Sociedade** (1967, p.3) Antônio Candido chama a atenção para as questões que estavam postas aos estudiosos do texto literário divididos à época pelas visões que se debruçavam sobre a obra, ora em defesa de sua autonomia ora colocando-a em posição de extrema dependência do meio, que retomava princípios da crítica do final do século XVIII construídos sobre a égide do olhar determinista.

Para Candido, “seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente depois de termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem”, especialmente, com os aspectos estruturais da obra, tomados neste caso como referência de sistema expressivo que a caracteriza como tal e suas relações com o meio.

Sob esse aspecto iniciam-se aqui algumas reflexões que envolvem a produção literária dos anos de 1980 em Pernambuco e o discurso poético de autoria feminina tomando-se como objeto de pesquisa as vozes de Cida Pedrosa, Fátima Ferreira e Dione Barreto, ativas participantes do Movimento dos Escritores Independentes naquele Estado, especialmente as duas primeiras, que estiveram à frente do núcleo de escritores que formou as bases de sua consolidação com Eduardo Martins, Francisco Espinhara e Héctor Pellizzi¹.

¹ Poetas e coordenadores do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco nos anos de 1980, com Fátima Ferreira e Cida Pedrosa.

Por outro lado, trata-se de estudo que se debruça sobre obras que ainda não receberam o devido olhar da crítica em sua real importância e dimensão, salvo algumas exceções como a primeira delas, que recentemente teve um de seus livros, *Solo Para Valejo* (2019), como vencedor do Prêmio Jabuti, no ano de 2020, em duas categorias e que começa a despertar interesse acadêmico e editorial recente, Dione Barreto, que nos idos de 1989 recebera menção honrosa do prêmio Mauro Mota com o livro *Do amor e suas perversidades*.

Sobre o fato da crítica sempre colocar de lado expressões mais recentes da nossa literatura optando por autores já consagrados, Leyla Perrone Moisés em **Altas literaturas** nos lembra que no âmbito do catolicismo o cânone adquiriu o sentido de uma “lista de santos reconhecidos pela autoridade papal” que “por extensão passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição” (1988, p.61) o que, sem dúvida, norteou os estudos literários no Brasil até bem pouco tempo, deixando no esquecimento uma rica produção ignorada por essa visão colonialista norteadora das pesquisas desenvolvidas em várias instituições, em especial, as acadêmicas da época.

Estudar parte desta produção e seu diálogo com o meio, a maneira como se comportavam as poetisas nos anos 1980 em relação ao cânone estabelecido e os olhares sobre a urbe, com recorte específico no Movimento dos Escritores Independentes



Maria Elizabeth Sanches

Prof.^a Mestra do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia -UNIR; Membro do grupo de pesquisa Poesia contemporânea de autoria feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil - GPFENCO; Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - PPGEL/UNEMAT. Autora do livro *Movimento dos escritores independentes de Pernambuco: história e produção literária* (2019), com o poeta Eduardo Martins.

maelisanchez@hotmail.com

de Pernambuco e na sua produção poética de autoria feminina, é o que se pretende neste trabalho, levando-se em consideração as suas relações com a cultura nordestina e o seu programa de ação enquanto movimento que teve seu início em 1981, princípio da chamada “Década perdida”, como ficou designada a geração da época pela crítica mais conservadora e tradicionalista.

Neste sentido, procura-se refletir sobre as obras considerando-se determinados princípios que se atualizam nas relações desenvolvidas a partir de maior aproximação entre estes universos que consideram a obra, o meio e sua validade porque hoje, como disse Antonio Candido,

Sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entendê-la fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que a explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (1967, p.4)

Cabe salientar que este processo interpretativo, em nosso caso, retoma ainda dentro da alquimia da construção das três poéticas em questão, suas nuances en-



quanto linguagens e formas expressivas do mundo erótico e sensual tornando-se elemento que circunda a construção dessas obras e suas especificidades, em especial no que se refere ao universo particularmente feminino do discurso e seus desdobramentos como matéria de construção dessa poesia em sua relação com o espaço físico e social.

Se trata de poesia produzida quase meio século atrás, no seio do contexto da repressão imposta pelo regime militar ao país, como forma de silenciar artistas e pensadores da época, vestindo-se assim de importância significativa e diferenciada em virtude do que estas obras representam enquanto marcas estilísticas e sociais do processo de liberação da mulher em sua dimensão linguística e cultural, em uma época que se apresentava extremamente desfavorável a tal produção, primando este contexto, pelo conservadorismo e seus desdobramentos.

Por esse viés, aglutinam-se em Cida Pedrosa, Fátima Ferreira e Dione Barreto expressões que oscilam entre o poema-denúncia dessa condição política/social e a representação dessas mesmas vozes em sua dimensão erótico/sensual, que se torna em boa parte da obra, também, espaço de representação dessa denúncia, em que o corpo e seu campo expressivo se expandem para alcançar o nível simbólico de representação e reconfiguração do contexto das três linguagens em questão.

Não obstante, o nosso recorte espaço-temporal são os anos de 1980, por estrita necessidade de estabelecer as relações entre o que foi produzido aí com a produção mais atualizada dessas vozes; enveredaremos por livros mais recentes de algumas dessas autoras sem no entanto perder de vista o objetivo principal que é refletir sobre como se deu o surgimento delas no âmbito da Literatura pernambucana dessa década e quais relações que temos entre esta produção e o espaço histórico-social à época em que surgiram, considerando que em al-

guns momentos anteriores, em especial o da “Geração 65” de poetas de Pernambuco, a participação da mulher já ocorre de forma plena e significativa, alterando-se neste caso apenas os momentos em que ocorre o processo de repressão no Brasil.

Sabe-se que a primeira década do regime repressivo foi estratégica para seu desenvolvimento e sua manutenção e que a segunda década, a de 1970, viveu os desdobramentos de todos os atos institucionais editados na década anterior. Já a década de 1980 recebe o reflexo de um sistema que inicia seu processo de declínio e agoniza com a reorganização social e os vários movimentos de rua, irredutíveis no que se refere ao retorno do processo político democrático ao país, o que só se daria em meados dos anos de 1980, com a eleição ainda indireta de Tancredo Neves para presidência da república. A Geração Independente, portanto, vivencia e atua sobre este processo em seus cinco anos finais (1980-1985), com o resgate das atividades poéticas de rua entre os centros das cidades de Recife e Olinda e parte de suas periferias geográficas e socioculturais, entre elas a rua Sete de Setembro e as avenidas Conde da Boa Vista e Guararapes.

As primeiras publicações das autoras em questão, demarcam muito bem os limites temporais aos quais nos referimos, com Cida Pedrosa, Fátima Ferreira e Dione Barreto publicando seus primeiros livros no início dos anos de 1980. A primeira, em parceria com Eduardo Martins e as outras duas em obras individuais. Cida e Fátima em 1982 e 1981, respectivamente, e Dione Barreto, em 1984. Embora como obras iniciais, estes livros já trazem parte dos traços dessa poesia erótico/sensual e de resistência política que procuramos analisar aqui. O título do primeiro livro de Cida e Eduardo, **Restos do fim** e o de Fátima Ferreira, **Detetização**, dão uma medida exata do contexto em que essa linguagem da resistência se faz presente, apontando o primeiro para

as sobras e o fim de festa do Regime e o segundo, que remete a necessidade da faxina sociopolítica necessária a consolidação do novo tempo, com as diversas vozes da mulher, emancipando-se em seu discurso. Em Dione Barreto, no **Feitiço do silêncio** (1984), o momento experienciado é o final agonizante do sistema repressivo que se daria no ano seguinte, em 1985, talvez por isso mesmo, de temática menos denunciadora que os anteriormente citados de Cida e Fátima, e bem mais voltada para o próprio ato de se fazer poesia dentro dessa novíssima possibilidade de liberdade consagrada especialmente à voz da mulher, que em parte aparece sob a marca do silêncio.

Sob esta ótica, diz Antônio Candido, não se trata de mero olhar em que se procura “estudar em que medida a arte é expressão da sociedade”, nem em que medida é “social”, “isto é, interessada nos problemas sociais”, mas sim de que forma essa arte estabelece pela construção de sua linguagem as relações com o meio e seu contexto, de que maneira se dariam “os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa e consequência” (1967, p.25).

Tais relações, partindo-se do contexto da obra em si, apontam para o seu sistema constitutivo e são capazes de desvendar que universo histórico e social estas obras em questão pretendem imitar, tomando-se a imitação aqui enquanto invenção, como diria o poeta Mário Quintana, “invenção da verdade”. Dessa forma, tem-se na construção do discurso das poetisas, as fontes iniciais de pesquisa sobre as relações que estabelecem com a posição da mulher à época e sua participação no processo de resistência no país por meio do sistema/obra. A título de ilustração, tomemos aqui os textos “Surdos tambores”, “epitáfio”, “por trás da terra”, “sombrias” e “dias”, todos do primeiro livro de Cida Pedrosa, **Restos do fim** (1982) e “Olinda orgia”, “Roteiro das Constelações”, “Fecundo”, “medida de força”, do segundo livro de Fátima Ferreira, em 1982, o **Asas**

de Sangue, que trazem a temática do erótico/sensual e social como marca expressiva desse contexto e desse discurso de autoria feminina.

Não raro, o que se apresenta na pesquisa, resvala em aspetos da resistência em que a linguagem do corpo e seus desdobramentos parece anunciar a atmosfera de liberdade que toma conta do país meia década depois e que se acentua até os dias de hoje. Da mesma forma, se tem nas publicações iniciais de Dione Barreto, que em síntese percorre os mesmos caminhos das duas primeiras, resguardando-se aqui, o que faz parte de sua linguagem individual. É o que se pode observar em **Feitiço do Silêncio** (1984) em que se percebe a construção de poemas que exercitam as diversas formas de expressão poética sem perder de vista as questões contextuais dos anos de 1980, entre elas, a questão da mulher e de seu universo íntimo. São bons exemplos da dimensão do que falamos aqui os poemas “Manifesto do amor”, “Fastígio da Loucura”, “Prelúdio”, “Ao amor (esse monstro) e “por um instante, apenas”, poemas em que o universo subjetivo e o universo social aparecem como marcas de um discurso que se antecipa à construção de uma nova época, cuja linguagem parece se diversificar entre as esferas do feminino e suas independências, tal como se observa em Cida, Fátima e em muitas outras autoras do Movimento, entre elas, Azimar Rocha, Amara Lúcia e Mônica Franco.

Em resumo, estes são os caminhos que se pretende seguir em pesquisa sobre o discurso de autoria feminina dos anos 1980 no Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco em sua dimensão política, sensual e social, como marca expressiva de uma geração de poetisas ignorada pela grande crítica até os dias de hoje, embora já se tenha no seio dela uma vencedora de prêmio da mais alta relevância no contexto da Literatura Brasileira, como dissemos no início deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

1. Textos das autoras

- BARRETO, Dione. **Feitiço do Silêncio**. Recife: PE, Edição Independente, 1984.
- BARRETO, Dione. **Do amor e suas perversidades**. Recife: PE, Cia Editora de Pernambuco, 1989.
- BARRETO, Dione. **Círculo Vazio**. C. Grande: PB, edição do autor. 1973.
- BARRETO, Dione. **Desiguais**. Recife: PE, ed.20-20, 1994.
- FERREIRA, Fátima. **Decomposição**. Recife: Edições Bandavuô, 1981.
- FERREIRA, Fátima. **Dedetização dia de festa**. Recife: Edição independente, 1981.
- FERREIRA, Fátima. **Asas de sangue**. Recife, Edição independente, 1982.
- FERREIRA, Fátima. **Constituição dos gestos**. Edição independente, 1985.
- MARTINS, Eduardo; PEDROSA, Cida. **Restos do fim**. Recife: Edição independente, 1982.
- PEDROSA, Cida. **O cavaleiro da epifania**. Recife: Edição independente, 1986.
- PEDROSA, Cida. **Cântaro**. Recife: Edição Independente, 2000.
- PEDROSA, Cida. **Claranã**. Rio de Janeiro: RJ, Editora Confraria do Vento, 2015.
- PEDROSA, Cida. **Gris**. Recife, PE. Recife: PE, CEPE, 2018.
- PEDROSA, Cida. **Solo para Vialejo**. Recife: PE, CEPE, 2019.
- PEDROSA, Cida. **Gume**. Recife, Edição independente, 2005.
- PEDROSA, Cida. **As filhas** de Lilith. Rio de Janeiro: Caliban, 2009.
- PEDROSA, Cida. **Miúdos**. Recife: Editora edições, 2011.

2. Textos sobre as autoras e o Movimento dos Escritores Independentes

- BRILHANTE, Bráulio. Apresentação. ap. In: ESPINHARA, Francisco. **Sangue ruim**. Recife: Edição independente, 2005. Movimento dos escritores independentes de Pernambuco 121.
- NETO, Nagib Jorge. **A Literatura em Pernambuco**. Recife: Editora Comunigraf, 2009.
- SANCHES, Maria Elizabete e MARTINS, Eduardo. **Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco: história e produção literária**. Porto Velho: Temática Editora, 2019.
- VAREJÃO, FILHO (Org.). **Arrecifes**. Recife: Editora do Conselho Municipal de Cultura, 1985.

3. Textos Teóricos de caráter geral

- BACHERLARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHERLARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BACHERLARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1988.
- BACHERLARD, Gaston. **Câmara Clara**. São Paulo: Martins fontes, 2009.
- BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Trad. J. Dufilho e T. Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CANDIDO, Antônio. A degradação do espaço. In: CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 2004.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Revista Ciência e Cultura.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1967.
- CHKLOVSKI, Victor. A arte como processo In: **Teoria da literatura**, TODOROV, Tzvetan (Org.). Trad. I. Pascoal. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. Escrituras, São Paulo: SP, 2002.
- COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001, (vol. II).
- ELIOT, T.S. **Ensaio**. São Paulo: Art Editora, 1989.
- FUNCK, Susana Bornéo. **Crítica Literária Feminista, uma trajetória**. Editora Insular, Santa Catarina: Florianópolis: 2016.
- KOTHE, FLÁVIO R. **O cânone imperial**. Brasília: Editora da UNB, 2000.
- KOTHE, FLÁVIO R. **O Cânone republicano**. Brasília: Editora da UNB, 2000.
- JAKOBSON, Roman; MARTINET, André. **Linguística e comunicação**. Lisboa: Publicações Alfa, 1979.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística, poética e cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- MELO, José Eduardo Martins de Barros. **Bandeira: uma poética de múltiplos espaços**. Porto Velho: EDUFRO 2003.
- REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: Seis ensaios as histórias das ideias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- SAID, Edward W Said. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



AS “FILHAS DE LILITH” E A (RE)SIGNIFICAÇÃO DE CIDA PEDROSA: UMA BREVE ANÁLISE ATRAVÉS DA TEORIA DA ACLIMATAÇÃO

Através de algumas abordagens teóricas durante os estudos do Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, Nordeste e Centro-Oeste – GPFENCO, este trabalho possui como objetivo estabelecer uma relação

entre alguns pontos que foram destacados durante as pesquisas realizadas. O presente estudo busca realizar uma breve análise acerca do título da obra de Cida Pedrosa intitulada **As filhas de Lilith**, lançado originalmente em 2009 pela Editora

Calibán, relacionando seu contexto literário com a teoria da aclimatação, presente no livro “Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações”, do Professor Dr. José Luís Jobim.

Maria Aparecida Pedrosa Bezerra, mais conhecida como Cida Pedrosa nasceu em Bodocó, Sertão do Araripe pernambucano, em 1963 e possui sua história marcada pela participação do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco na década de 80, daí vem seu gosto e experiência com a rítmica. Poeta, advogada e vereadora eleita do Recife em 2020, é vencedora do Prêmio Jabuti 2020 com **Solo para Vialejo** publicado em 2019. Publicou dez livros, sendo o mais recente **Estesia** (2020).

As filhas de Lilith é um livro construído por mulheres: desde as gravuras, designer e prefácio. Possui vinte e seis poemas que conduzem o leitor a várias personagens femininas e suas histórias. Cida Pedrosa optou por organizar a obra em forma alfabética, ou seja, cada letra do alfabeto representa um nome feminino, além disso, institui uma marca estética que define sua poética: com exceção do título, o livro se apresenta em letras minúsculas. De *angélica* à *zenaide*, suas poesias expõem ousadia e eroticidade, além de apresentar a força feminina na luta contra os preceitos de uma sociedade ainda patriarcal, incluindo em sua poesia, de forma irreverente, suas preocupações com a desigualdade social, de gênero, religiosas e culturais. Sua produção envolve diversas formas de representação da realidade, abordando assuntos que vão desde a reflexão sobre o discurso feminista, a sexualidade, a lesbianidade até o feminicídio.

No que diz respeito ao título da obra, podemos analisar o contexto da história de Lilith, pois sua figura é presente na mitologia e na cultura popular de diversas nações:

Lilith é usualmente derivado da palavra Babilônica/Assíria Lilitu ‘um demônio feminino ou um espírito do vento’ – parte de uma tríade mencionada nas invocações mágicas babilônicas. Mas aparece mais cedo como Lilake em uma inscrição Sumeriana do ano 2000 a.C. que contém a lenda ‘Gilgamesh e o Salgueiro’. É uma demônia vivendo em um tronco de salgueiro vigiado pela deusa Inanna (Anath) em uma margem do Eufrates. A etimologia [sic] do hebreu popular parece derivar Lilith de layl, noite, e ela frequentemente [sic] aparece como um monstro noturno peludo no folclore Árabe. (GRAVES; PATAI, 1983, p. 68 apud LARAIA, 1997, p. 162).

Vale ressaltar que nas culturas antigas, os demônios eram seres sobrenaturais que não estavam necessariamente associados ao mal. Na cultura ocidental atual, no entanto, as referências ao diabo são direcionadas aos demônios e ao mal. O cristianismo desempenha um papel importante nessa redefinição (se considerarmos a carga semântica negativa da palavra na Bíblia). Lilith também é conhecida como “lua negra”, como Chevalier e Gheerbrant (2015, p.548) pontuam: “É comparada à lua negra, à sombra do inconsciente, aos impulsos obscuros”.

Já de acordo com a mitologia da criação do mundo, Lilith teria sido a primeira mulher e esposa de Adão, antes mesmo de Eva. Criada ao mesmo tempo, do mesmo



Carolina Lobo Aguiar

Graduada em Letras e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Mato Grosso – PPGEL/UNEMAT campus Tangará da Serra. Vive amando mais do que pode. Membro ativo do Grupo de Pesquisa em Poesia de Autoria Feminina Contemporânea no Norte e no Nordeste e Centro-Oeste do Brasil – GPFENCO.

carolina.lobo@unemat.br

barro e da mesma forma que o companheiro, não aceitava submeter-se a ele, rebelando-se. Lilith recusou-se a aceitar o domínio dos homens pois não se considerava inferior e fogueira para o Mar Vermelho, uma região repleta de demônios lascivos, com os quais ela reproduz centenas de outros demônios, seus filhos. (LARAIA, 1997).

Através da ausência de Lilith, Eva teria sido criada, concebida de uma parte do homem (da costela), para enfim, ser submissa a ele. Na própria Bíblia há “deixas” para essas suposições:

Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!” (Gênesis, 2, 22:23)

Estima-se que o mito de Lilith era cantado em verso e prosa nas poesias trovadorescas da Idade Média, porém, as sociedades patriarcais impuseram o apagamento de tais ações por não serem consideradas de forma positiva as características da figura de Lilith, bons exemplos para a mulher envolvida com a cultura cristã. Outras hipóteses sugerem que a figura de Lilith tenha sido retirada dos textos bíblicos judaico-cristãos ao longo das edições. No que diz respeito à tradição católica, “a Igreja Católica Apostólica Romana, em particular, apagou definitivamente a única menção a Lilith dentro da Bíblia na metade do século XVI, durante o Concílio de Trento”. (NOGUEIRA, 2017, p. 114).

Independentemente dos esforços que revelam a tentativa de um apagamento histórico da figura de Lilith pelo patriarcado, Cida Pedrosa, através do título de sua obra e de seus poemas, (re)significa o contexto do silenciamento de uma personalidade feminina, o que motivara a realização desta pesquisa.

Por meio da leitura do livro de Cida Pedrosa, podemos identificar novos significados e considerações acerca da temática que envolve o mito de Lilith. Diante do exposto, pode-se realizar várias reflexões acerca da condição feminina e suas representações na sociedade atual. Sobre isso, Jobim pontua:

“que o mesmo elemento não mantém identidade absoluta e pode transformar-se de alguma maneira em outro, por articular-se e estabelecer relações com diferentes elementos em novo contexto. E isso pode ocorrer de muitas maneiras, e com produtos variados.” (JOBIM, 2020, p. 48).

Desse modo, podemos perceber a ousadia de Cida em sua obra poética. Além da figura feminina de Lilith, percebe-se que ela possui várias “filhas”. A poeta define que suas personagens não são filhas da esposa exemplar e submissa ao esposo, no caso Eva, mas sim, filhas da primeira companheira de Adão, apagada intencionalmente dos contextos históricos do criacionismo; da mulher que considerou o propósito de igualar-se ao homem, a quem contestou a imposição de uma relação patriarcal, afastando-se do ideal de inocência e pureza. Filhas estas que vivem suas múltiplas versões sobre imagem, personalidade e exercício da liberdade que Lilith representa, sendo reflexos das versões de sua figura e espelho para outras que também sofreram com tentativas de apagamento e difamações.

A figura de Lilith adapta-se perfeitamente à hipótese de Jobim, que assim reflete sobre as teorias da aclimação:

“As teorias da aclimação não pressupõem que um termo ou um referente “de fora” permaneça o mesmo, ao ser internalizado, mas que haja uma transformação, a partir de sua aclimação em novo contexto.” (JOBIM, 2020, p. 16).

Diante do exposto, podemos constatar que a aplicação da teoria da aclimação encaixa-se diante da proposta apresentada. O título da obra possui grande carga simbólica e significativa. Apenas pelo título, podemos analisar e conhecer narrativas que enriquecem o campo literário, que através “das teorias da aclimação, levam em consideração o fato de que os elementos “externos”, ao desembarcarem no Novo Mundo, se modificam. (JOBIM, 2020, p. 15).

Tendo em vista os aspectos observados, a poeta (re)significa atividades e acontecimentos associados ao cotidiano feminino, que resiste em um mundo de constantes transformações tecnológicas, sociais e políticas. Na mitologia, Lilith negou-se à submissão e partiu em busca de si. Por outro lado, Cida Pedrosa realiza uma busca pela identidade feminina, concebendo Lilith de uma forma totalmente fora do contexto que costuma ser inserida, ou seja, possuindo um caráter universal, representada por descendentes que vivenciam as dores e alegrias de ser mulher.

Através dos conceitos da teoria da aclimação, podemos observar que a obra da poeta pernambucana é entremeada por múltiplas imagens do significado de ser mulher, resgatando contextos históricos míticos e divinos e associando-os às figuras da mulher real e contemporânea, ou seja, em **As filhas de Lilith** os poemas da obra e suas representações são associados com a mulher moderna, que vive de lutas para desvencilhar-se do patriarcalismo e se afirmar na sociedade, permitindo relevantes reflexões e pesquisas sobre o apagamento e o silenciamento das figuras femininas ao longo da história e da literatura. Além de refletir sobre a autoria feminina e sua visibilidade. Em sua obra, Cida Pedrosa redefine não apenas Lilith e suas “filhas”, mas todos nós, leitores e pesquisadores que continuamos a transcender o preconceito além dos limites do contexto histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**, com a colaboração de: André Barbault... [et al]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera Costa Silva... [et al] 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

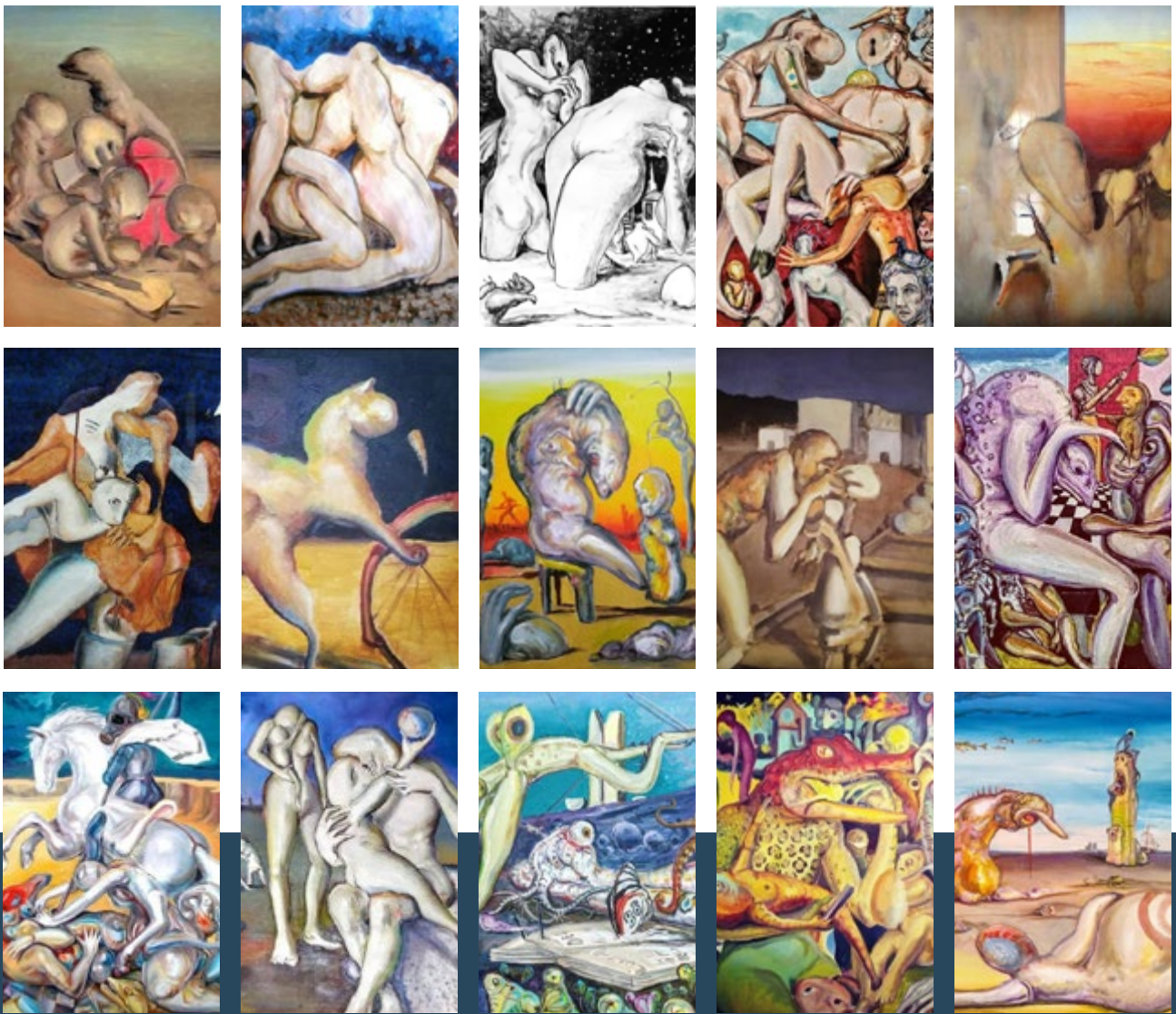
JOBIM, José Luis. **Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações** [livro eletrônico] - Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020.

LARAIA, Roque Barros. **Revista de Antropologia: Jardim do Éden revisitado**. Rev. Antropol. vol.40 n. São Paulo, 1997. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27065/28837> > Acesso em 12. Jun. 2022.

NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017. Disponível em: < <https://books.google.com.br/s?id=GMNNDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=#v=onepage&q&f=false> >. Acesso em: 14. Jun. 2022.

PEDROSA, Cida. **As filhas de Lilith**. Editora Calibán, 2009.





Artista Visual Convidado:



Carlos Alberto Bosquê Júnior

Bosquê, Carlos Alberto Bosquê Júnior, natural de Garça-SP. É artista Plástico e Professor de Artes. É bacharel em Pintura pela Faculdade de Belas Artes - FEBASP, licenciado em Educação Artística e especialista em Educação de Jovens e Adultos EJA.

email: bbosquejr@gmail.com Instagram: @cabosque

Realização



UNEMAT